

# Conversações sobre o Arquivo Público e Histórico e seu lugar na Cultura local



Márcio Mariguela  
e Romualdo Dias  
no 8º Batepapo Cultural

**Maria Teresa de Arruda Campos | teresa-arruda@hotmail.com**

Psicóloga, pedagoga, mestre e doutoranda pela Faculdade de Educação da Unicamp, Superintendente do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, SP, desde Janeiro de 2009.

**Romualdo Dias | diasro@terra.com.br**

Professor da UNESP – Campus de Rio Claro, doutor em Filosofia.

**P**oder olhar para a realidade com novos desafios é uma necessidade a ser aprendida nos dias de hoje. Depois de olhar, saber que temas importantes estão sendo estudados e podem nos ajudar a construir uma história diferente em que posicionar-se como agente de seu tempo seja a tônica do seu fazer.

Como nos apresenta Calvino<sup>(1)</sup> “... quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.”

A todo momento a mídia nos empurra a acreditar em mais uma coisa, aquela que foi eleita como a salvadora

para os problemas que enfrentamos. Para tudo há solução para fora de cada um. Aprender a olhar para si, a cuidar de si, aprender a olhar para o outro, a cuidar do outro, é aprender a viver numa sociedade que a todo instante nos empurra a não acreditar nessa possibilidade.

Dessa esperança e crença na possibilidade de um outro jeito de viver, de apostar que podemos inventar outras formas de levar a vida, nasceu o Batepapo Cultural, um evento mensal proposto do encontro entre o Poder Público e a Universidade, em que a realidade da experiência com o novo, um novo que pode nos fazer pensar, encontrar parceiros, achar saídas novas, diferentes, se apresentam.

Sobre a ausência desses espaços de exercício de civilidade, Campos e Silva colocam:

*Os espaços destinados a este aprender*

*a viver em sociedade, por muito tempo, se omitiram desta função de despertar o cuidado com o coletivo, com o lugar comum, com o bem público como aquilo que a todos pode pertencer. O culto ao individualismo ensinou que o cuidar-se de si significa descuidar-se do outro, como se isso fosse possível. Esse sujeito acaba se distanciando do outro e não conseguindo nem mesmo olhar para si mesmo, pois é o outro que nos espelha quem somos. Esse processo não acontece no vazio e sim nas relações, num determinado lugar ou em muitos lugares, nas instituições onde passamos muito tempo de nossas vidas.*<sup>(2)</sup>

Pensar a vida em sociedade não é buscar soluções para fora de si como temos visto acontecer: os astros, os cristais, os deuses, as cartas, os super heróis, são alguns deles. Desde pequenos vamos aprendendo a esperar que algo para além

de cada um de nós traga a salvação que precisamos seja para nossa alma, seja para a humanidade. Essa espera nos traz tristeza e inconformismo porque o que precisamos sabemos que não está para além de nós, muito pelo contrário, o que precisamos está em cada um e no coletivo que nos une, nos aproxima e nos faz sermos seres humanos no traço de diferença que essa possibilidade de trabalho grupal em prol de um coletivo nos distancia dos demais animais.

Olhar a realidade que nos cerca tem trazido medo e esse medo cada vez mais nos afasta da realidade. Saber que podemos valer uma bolsa, um relógio,

um carro, um aparelho eletrônico e que nossos filhos podem valer uma bicicleta, um tênis, um iPod ou MP3,4...10. Quanto valemos? Valemos o inversamente proporcional ao que fazemos na sociedade para que ela seja mais justa e mais digna. Quanto mais temos, menos valemos. Constatamos todos os dias que as construções de presídios, de alarmes monitorados, de seguros, de policiamento mais ostensivo, de ronda no quarteirão, de condomínios fechados, não nos protegem como gostaríamos. Estamos frágeis diante de uma sociedade injusta e provocadora que nós mesmos criamos. As grades, os muros e os sistemas que nos

isolam não são suficientes: temos medo do que fizemos de nós mesmos. Enquanto não reconhecermos os sistemas que criamos, as injustiças que provocamos e nos colocarmos em outras e novas formas de vida em sociedade, o medo é que nos embalará.

Poder ouvir, perguntar, pensar, refletir, encontrar parcerias tem sido um mote do Batepapo Cultural. Temas diversos apresentados como acontecimentos que marcam uma forma peculiar de propor mudanças: como Freud, em o Mal estar na Civilização, leitura tão atual embora escrita em 1930, também concordamos que não há distinção entre cultura

## Batepapo Cultural

### 1º. Batepapo Cultural:

#### **Samba, Carnaval e Subjetividade: com que roupa eu vou?**

Convidados: Prof. Tânia Barcelos (Professora do Curso de Psicologia e Diretora de Cultura da UFG/Campus Catalão) e o Prof. Maurício Lourenção Garcia (Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP - Campus Baixada Santista).

Data: 26/02/09

### 2º. Batepapo Cultural:

#### **Como as organizações populares resistem nos dias de hoje?**

Convidado: Prof. Dr. Giuseppe Cocco, doutor em História Social pela Université Paris I, e professor titular da Escola de Serviço Social da UFRJ. Publicou o livro "Trabalho e cidadania - produção e direitos na era da globalização". É editor das revistas "Lugar Comum" e "Global/Brasil". Participa da Rede Universidade Nômada.

Data: 20/03/09

### 3º. Batepapo Cultural:

#### **JuventudeS e SexualidadeS.**

Convidado: Prof. Ricardo de Castro e Silva, coordenador do curso de Especialização em Sexualidade Humana da UNICAMP onde também cursa o doutorado em Educação. É consultor de prefeituras e ministérios para projetos nas áreas de saúde, sexualidade, educação, participação social, juventudes e infâncias. Data: 29/04/09

### 4º. Batepapo Cultural:

#### **"Mutações e Tendências da Cultura Contemporânea Brasileira"**

Convidados: Fred O4, vocalista da banda recifense Mundo Livre S/A, jornalista e fundador junto com Chico Science do Movimento Manguêbit, Prof. Dr. Paulo Rober-

to Teixeira de Godoy (Prof. Do Departamento de Geografia) e o mestrando Adriano Maia que estuda Geografia Cultural. Data: 15/05/09

### 5º. Batepapo Cultural:

#### **"É possível falar em Direitos Humanos nos dias de hoje?"**

Convidado: Leonardo Boff, filósofo, teólogo, professor e um pensador importante na luta pela garantia dos Direitos Humanos. Autor de várias obras e de artigos disponibilizados no site <http://leonardoboff.com>.

Data: 21/05/09

### 6º. Batepapo Cultural:

#### **"O que vemos e o que sabemos sobre a nossa Floresta?"**

Convidado: Augusto Jerônimo Martini, geógrafo pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp de Rio Claro, mestre e doutorando em História Social pela USP. Professor da Rede Estadual de Ensino. Trabalha na Secretaria da Fazenda de São Paulo, desenvolvendo atividades na FAZESP - Escola Fazendária. Data: 26/06/09

### 7º. Batepapo Cultural:

#### **Ulysses Guimarães: pessoal-intransferível**

Convidada: Ângela Liberatti Ângela Inês Liberatti é coordenadora do Curso de História do Centro Universitário Toledo de Araçatuba onde também é professora nos cursos de bacharelado de Direito, Jornalismo e na pós-graduação de Direito. É formada em História pela PUC-SP, pós-graduada em Museologia pelo MASP/Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Concluiu o Mestrado na PUC-SP onde faz o doutorado na área de Antropologia e Arte. Autora do livro Ulysses Guimarães: pessoal-intransferível, publicado pela Boreal Editora.

Data: 30/07/09

### 8º. Batepapo Cultural:

#### **Ética e Subjetividade**

Convidado: Márcio Mariguela, filósofo e psicanalista. Concluiu o mestrado e o doutorado na Unicamp. É professor do curso de especialização em Sexualidade Humana (UNICAMP) e professor de História da Filosofia Contemporânea na UNIMEP. É autor dos livros 'Psicanálise e Surrealismo' e 'Cotidiano Escolar', ambos pela Ed. Jacintha. Publicou ainda vários artigos em Revistas e Periódicos da área.

Data: 28/08/09

### 9º. Batepapo Cultural:

#### **Diferença é Deficiência? a sociedade disciplinar e a (ex(in)clusão das singularidades?**

Convidada: Francisca Paula Toledo Monteiro é Pedagoga, Mestre em Educação pela FE/UNICAMP e Psicanalista participante da Escola de Psicanálise de Campinas. Ministra aulas nos cursos de pós graduação da PUC Minas/Poços de Caldas, UNIFEOB, UNIPAC e no curso de especialização em Sexualidade Humana (UNICAMP). É professora nos Programas Educativos da Unicamp (Educação Não-Formal). Psicanalista clínica, trabalha com crianças, jovens e adultos que apresentam dificuldades de aprendizagem na escola.

Data: 25/09/2009

### 10º. Batepapo Cultural:

#### **Os lugares da amizade (philia) nas contradições e afirmações da vida.**

Convidado: Nelson Vicente Junior; Graduado em Filosofia pela PUC - Campinas, Mestre em Educação, Compositor e Músico. É professor de Filosofia e Ética na Universidade Metodista de Piracicaba e Professor substituto na UNESP - Rio Claro.

Data: 23/10/2009



1º Batepapo Cultural reuniu diversos segmentos da sociedade

e civilização. A cultura é a soma integral das realizações, das leis, das normas que nos regulam. Essa soma promoverá o que chamamos civilização e que nos distingue dos outros animais. Somente por essa via podemos construir uma estética que, presente em nossas vidas, poderá nos ajudar a viver de forma a fazer da vida uma obra de arte, como afirma Foucault.

A possibilidade de se ver como membro de uma cultura foi furtada da população. Somente aqueles que conseguem apoio financeiro têm sido considerados produtores de cultura. A mídia sustentada pelo grande capital tem sido a vilã dessa invenção que exclui e define quem é quem nessa trilha. Poder contribuir para que a população desacredite dessas (in)verdades impostas e dar visibilidade à cultura que criou é mais uma das propostas do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro. Tais ações, organizadas no Portal Memória Viva: arte, cultura e história, não partem do princípio de que é preciso resgatar a história de um povo, mas sim partem da possibilidade de fazer valer a máxima de que resgatar seria para algo que já aconteceu e deve voltar. Podemos afirmar que nunca houve esse reconhecimento da cultura e da arte popular em nossa sociedade, portanto o Portal se apresenta como, embora não suficiente, esse lugar, esse canal de registro do quanto se produz sem que o mercado reconheça pois não é comercializável e com isso torna-o invisível.

Compositores, atores, dançarinos, pintores, escultores, contadores de histórias. Artistas populares que não desistiram pois resistiram. Essa resistência lhes deram a possibilidade de ter dignidade

para viver, para lutar diante de condições tão difíceis que lhes são impostas.

Pudemos ouvir e ver um rei tocar piano numa noite, pouco antes de assistir uma apresentação de Congada, pudemos dançar quando acreditávamos que só assistiríamos, pudemos rir quando a primeira intenção era apreciar. Pudemos aprender que a vida está para além do que aprendemos na escola sobre ela. Emoções, reações, provocações, observações, relatos, encontros, pessoas que se movimentam, que opinam, que vivem porque resistem.

O Portal traz essa possibilidade de vivenciar uma outra história que os livros não registraram, que apresenta um outro, antes estranho, agora reconhecido, antes apagado, agora reluzente. Essa produção de saber é uma espécie de apresentação de um desnudar de manifestações que sempre estiveram aí, mas que existiram como se não existissem: será que há exemplo maior de resistência de um povo?

Desse modo, o Portal é mais do que um instrumento para reunir as manifestações culturais, ou 'guardar' as tantas manifestações marginais desqualificadas e praticadas pelas classes menos favorecidas, é mais ainda do que dar vez e voz a um coletivo. Ele se apresenta como uma política pública de reconhecimento de que a cultura é, faz e cria resistências que fortalecem todo um coletivo. Portanto, é um instrumento para os gestores locais poderem olhar para sua comunidade e reconhecerem nela os seus direitos de criar, de pensar, de construir conhecimentos não enlatados.

O Portal é um projeto do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro em par-

ceria com o Ponto de Cultura Rio Claro Cidade Viva e a Unesp. Trata-se de um canal de registro e divulgação das manifestações culturais, artísticas e sociais que afetam por sua singularidade, a cidade de Rio Claro. Faz parte do Portal o registro de outras influências que a cidade tem recebido de pessoas que aqui passam e contribuem com o seu dia a dia. A escolha de um canal digital se deu por ser um meio rápido e acessível de apresentar e reconhecer essas participações, suas histórias, 'causos', sua arte e as contribuições que podem fazer a diferença nos modos de vida atuais.

No Portal há uma troca de saberes com a comunidade, disponibilizando o conhecimento produzido nas formas oral, escrita, digital, imagética e iconográfica registrando várias categorias, de modo a proporcionar um ambiente abrangente em conteúdo, demonstrando a riqueza artístico-cultural da cidade.

Do ponto de vista da tecnologia a construção desse canal previu versões a serem atualizadas com frequência, captando também manifestações dos usuários, por meio de uma interface funcional e amigável, segundo padrões internacionais. Todo o trabalho priorizou a criação de uma metodologia facilmente reaplicada em outras comunidades e a custos baixos por utilizar-se de software livre.

Portanto, essa ferramenta coloca no mundo a cultura popular, a mão do pintor, os dedos do músico, os pés que dançam. O Portal para além da sociedade do espetáculo produz um reconhecimento dos múltiplos sentidos sobre a vida na sua complexidade maior que é a capacidade de criação e a possibilidade de expressar-se em sua arte.

O Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro estabelece um novo patamar de lida com a memória que se constitui neste território de relações dos sujeitos com a alteridade a partir da percepção sobre a demanda de um intenso trabalho de descolonização. Este espaço situado entre sujeitos emerge como um lugar de abertura para inúmeras possibilidades de agenciamentos de sentidos sobre o viver urbano na medida em que se descoloniza com o ato de fazer circular conhecimentos e promover em grupo os gestos do reconhecimento. A fronteira demarcada pelo encontro entre sujeitos apresenta-se como objeto de colonização na medida em que um funcionamento de poder opera para sustentar relações de

dominação. A circulação dos saberes em explícita diversidade, como ocorre por meio do portal, e o reconhecimento de sentidos sobre o viver coletivo, possibilitado pelo Batepapo Cultural, fazem do Arquivo Público um campo de estabelecimento mais dinâmico nas relações entre cultura e memória.

O quadro sobre os temas apresentados no Batepapo Cultural atesta o quanto a diversidade dos sentidos operam a favor da promoção de uma boa combinação entre os conhecimentos e os reconhecimentos.

O Portal Memória Viva: arte, cultura e história e o Batepapo Cultural se constituem como espaços outros de aprendizagem de novos modos de acreditar no mundo e nele estar explorando ao máximo a dimensão do intensivo aberta pelos múltiplos encontros.

*“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volumes reduzidos. (...) E ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo.”*<sup>(3)</sup>

Precisamos do mundo, mas não é bom estar só nele. Precisamos do outro



**Durval Augusto - Durvalzinho do Pandeiro, primeiro entrevistado do Portal**



**Augusto Martini, Romualdo Dias e Maryzilda Couto Campos no 6º Batepapo Cultural**

para juntos inventarmos novos modos de acreditar e múltiplas possibilidades de acertos e concertos enquanto por ele atravessamos. O acreditar no mundo nos desafia ao permanente de conferir os recursos de explicação. Mas cada explicação que criamos nasce profundamente implicada com os modos de fazermos as escolhas pela vida e com os jeitos de estarmos na existência. Em outros termos, toda epistemologia está articulada com uma ontologia. Neste território estabelecido entre cada sujeito e a alteridade apresenta-se o desafio de uma incansável aprendizagem. Ítalo Calvino nos faz pensar na importância desta aprendizagem quando nos apresenta as últimas palavras de Marco Pólo em seus relatos sobre a viagem pelas cidades invisíveis.

*“O Grande Khan já estava folheando em seu atlas os mapas das ameaçadoras cidades que surgem nos pesadelos e nas maldições: Enoch, Babilônia, Yahoo, Butua, Brave New World.*

*Disse:*

*- É tudo inútil, se o último porto só pode ser a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito.*

*E Pólo:*

*- O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno,*

*e preservá-lo, e abrir espaço.”*<sup>(4)</sup>

A segunda maneira de não sofrer exige a aprendizagem sem trégua, que pode ocorrer nestes espaços organizados pelo Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, tal como vem ocorrendo com o Batepapo Cultural e com o Portal Memória Viva.

Enfim, um outro regime de visibilidade se configura articulado com outro regime de sensibilidade. O Arquivo quer promover este exercício de conferir coletivamente as nossas memórias sobre o viver no meio urbano. Assim, usufruímos de um espaço que permite circular afetos e perceptos tecidos no tempo atual de cada sujeito que se dispõe ao encontro com o outro. Os modos de olhar, parte do regime de visibilidade, consolidam sentidos potencialmente disparadores de múltiplas possibilidades para viver no meio urbano também neste exercício de conferir permanentemente os nossos modos de sentir. O regime de visibilidade e o regime de sensibilidade experimentam maior vigor com os recursos oferecidos tanto pelo Batepapo Cultural quanto pelo Portal Memória Viva.

<sup>(1)</sup> CALVINO, Í. *Seis Propostas para o Próximo Milênio: Lições Americanas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Pág. 138.

<sup>(2)</sup> CAMPOS, M.T.A e SILVA, R.C. *se eu morrer, nasce outro igual a mim*. In ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.8, n.esp., p.120-133, dez.2006. Disponível em <http://143.106.58.55/revista/viewissue.php?id=21>. p.124.

<sup>(3)</sup> DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1982. Pág.: 218.

<sup>(4)</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. Págs.: 149-150.